



20 ANOS DE OPINIÃO PÚBLICA em Portugal e na Europa

Comentários

Alice Ramos
Cícero Roberto Pereira
José Barreto
José Tavares
Maria José Chambel
Pedro Magalhães
Sofia Aboim

Prefácio

António Barreto

Apresentação

Pedro Magalhães



portal de
opinião
pública

www.pop.pt



Largo Monterroio Mascarenhas, n.º 111
1099-081 Lisboa
Telf: 210 015 800
ffms@ffms.pt

© Fundação Francisco Manuel dos Santos,
Julho de 2013

Director de Publicações: António Araújo

Título: 20 Anos de opinião pública em Portugal e na Europa

Autores: Alice Ramos
Cícero Roberto Pereira
José Barreto
José Tavares
Maria José Chambel
Pedro Magalhães
Sofia Aboim

Pedro Magalhães escreve segundo o novo acordo ortográfico

Revisão do texto: Helder Guégués

Fotografia de Alfredo Cunha

Design: Guidesign

Paginação: Guidesign

ISBN: 978-989-8662-31-6

As opiniões expressas nesta edição são da exclusiva responsabilidade do autor e não vinculam a Fundação Francisco Manuel dos Santos. A autorização para reprodução total ou parcial dos conteúdos desta obra deve ser solicitada ao autor e editor.

***www.pop.pt* é um projecto da Fundação Francisco Manuel dos Santos, em parceria com o ICS**

ÍNDICE

- 4 Prefácio
As opiniões contam!
António Barreto
- 5 **Apresentação**
Pedro Magalhães
- 6 **O indivíduo**
O indivíduo a olhar para si próprio
Cícero Roberto Pereira
- 12 **A família**
Família e atitudes sociais: Portugal no contexto europeu
Sofia Aboim
- 18 **Os grupos sociais**
A simpatia também é social
Alice Ramos
- 26 **O trabalho**
Centralidade e valores do trabalho
Maria José Chambel
- 31 **A religião**
Panorama da religião na Europa e em Portugal
José Barreto
- 37 **A economia**
Da Vida dos Dados
José Tavares
- 47 **A política**
Nem Portugal, nem Europa
Pedro Magalhães
- 53 **Referências biográficas**



A religião

Panorama da religião na Europa e em Portugal

José Barreto

Vários inquéritos de opinião à escala europeia, abrangendo os países da UE 27 e alguns não membros, interrogam periodicamente os cidadãos europeus sobre pertença e crenças religiosas, participação nos serviços religiosos, confiança na Igreja, etc., bem como sobre atitudes sociais, valores familiares e outros temas tradicionalmente objecto de doutrinação religiosa. Existe algum cepticismo quanto à possibilidade de estudos de opinião retratarem fielmente o panorama religioso, pela alegada arbitrariedade de se agregarem respostas sobre um fenómeno social que tem uma forte dimensão pessoal ou subjectiva e pela dificuldade de percepção, por via estatística, de aspectos qualitativos ou de facetas “escondidas” da crença, da pertença e da prática religiosas. Citam-se, por exemplo, a este propósito, dois fenómenos correntes e simétricos que parecem sustentar essas dúvidas: *belonging without believing* e *believing without belonging*. É necessário referir também que a vida religiosa das pessoas não se esgota no domínio das religiões organizadas: há uma tendência crescente nas sociedades mais desenvolvidas para as chamadas espiritualidades alternativas, para o sincretismo religioso ou para aquela tendência que o sociólogo Thomas Luckmann designou “privatização” da religião – fenómenos que, em todo o caso, estudos de opinião mais sensíveis podem detectar. Não obstante, as respostas obtidas pelo Eurobarómetro, pelo Estudo Europeu dos Valores e pelo Inquérito Social Europeu permitem observar ao longo dos anos, sobretudo na comparação entre países, certas características nacionais bem distintas e certas tendências evolutivas mais ou menos nítidas. Assim, se o retrato da situação religiosa fica longe de ser completo, fiel ou profundo, os dados obtidos revelam-se, até certo ponto,

instrumentos válidos de análise. Os inquéritos de opinião são uma forma de aproximação científica a essa dimensão espiritual da vida individual e colectiva que deve ser complementada por outros tipos de estudos.

Diversidade religiosa dos países europeus

Os inquéritos de opinião patenteiam uma realidade religiosa muito diversificada no universo dos países europeus, quer do ponto de vista da confissão maioritária, quer da situação de monopólio ou pluralismo confessional, quer ainda da proporção da irreligião em cada país.

Note-se que os dados sobre religião apurados pelos inquéritos europeus se reportam a países de dimensão e população muito variáveis, de Malta ou Chipre até à Alemanha ou à França, e que os indicadores nacionais geralmente escondem realidades regionais muito diversificadas, como o território da antiga RDA na actual Alemanha, o Norte e o Sul de Portugal, etc.

Listam-se adiante 31 países europeus por ordem decrescente da percentagem de adesão à respectiva confissão maioritária (pessoas sem religião incluídas nos totais).

Turquia – 97% muçulmanos

Malta – 96% católicos

Grécia – 94% ortodoxos

Chipre – 93% ortodoxos

Polónia – 90% católicos

Itália – 87% católicos

Roménia – 86% ortodoxos

Bulgária – 84% ortodoxos

Portugal – 84% católicos

Irlanda – 83% católicos

Croácia – 82% católicos

Lituânia – 80% católicos

Áustria – 79% católicos

Finlândia – 71% protestantes

Espanha – 68% católicos

Luxemburgo – 68% católicos

Eslováquia – 67% católicos

Eslovénia – 64% católicos

Dinamarca – 61% protestantes

Bélgica – 57% católicos

Hungria – 53% católicos

França – 41% católicos

Suécia – 40% protestantes

Suíça – 40% católicos

Noruega – 39% protestantes

Alemanha – 34% católicos

República Checa – 30% católicos

Reino Unido – 25% protestantes

Letónia – 24% católicos

Holanda – 22% católicos

Estónia – 14% ortodoxos

Os países com confissões claramente hegemónicas, entre os quais Portugal, são também aqueles onde há menor diversidade (ou pluralismo) religioso e menor proporção de pessoas sem religião. Além da Turquia, os países europeus onde há mais forte dominância de uma religião sobre as outras são ou católicos (Malta, Polónia, Itália, Portugal, Irlanda, Croácia, Lituânia) ou ortodoxos (Grécia, Chipre, Roménia e Bulgária), todos com percentagens acima dos 80%. Os países mais desenvolvidos da Europa, neles compreendidos todos os de maioria protestante, não têm maiorias confessionais dessa ordem, são mais diversificados do ponto de vista da pertença religiosa e registam também percentagens maiores – e crescentes nas últimas décadas – de pessoas que declaram não ter religião. Em 2010, havia já oito países europeus em que a percentagem dos sem religião era superior à dos aderentes da religião maioritária (República Checa, Estónia, França, Holanda, Noruega, Letónia, Suécia, Reino Unido). As religiões minoritárias, mesmo nos países com mais imigrantes, não representam uma concorrência tão forte às confissões maioritárias quanto a irreligião. Na UE 27, há 46 % de católicos, 22 % de pessoas sem religião, 11% de protestantes, 8% de cristãos ortodoxos, 1 % de muçulmanos, 8 % com outras religiões e 4 % sem resposta (se considerarmos todos os países da Europa, o cristianismo ortodoxo tem uma percentagem bastante superior à aqui indicada)

Panorama da religião no pós-comunismo

Exceptuando a República Checa e a Estónia, que têm tradicionalmente taxas de irreligião das mais altas do mundo, os dados dos inquéritos de opinião referentes à maioria dos países ex-comunistas patenteiam claramente, a partir de 1990, uma forte reanimação da vida religiosa, ainda que mais marcadamente no início dessa década. Em geral, os países ex-comunistas registam percentagens muito altas de adesão às crenças religiosas e de pertença à religião maioritária de cada país. Esse renascimento religioso (cuja exacta avaliação é prejudicada por uma certa opacidade da situação sob os regimes comunistas) seguiu o padrão confessional tradicional desses países, revelando bastante impermeabilidade à penetra-

ção de novas confissões e contribuindo assim para situações actuais de virtual monopólio da religião católica ou da ortodoxa (Polónia, Roménia, Bulgária, Lituânia, Croácia, Eslováquia, etc.). Aparentemente, as populações dos países ex-comunistas denotam, em média, não só maior religiosidade do que as dos países mais ricos da Europa Ocidental, como também maior confiança na Igreja e maior proximidade às posições da Igreja sobre temas que são objecto de doutrina (família, educação, sexualidade). Sabe-se, também, quão importante foi ou é a religião como elemento identitário nesses países da Europa Central e Oriental ou dos Balcãs, revelando-se como factor historicamente decisivo na salvaguarda da soberania e da cultura nacionais, inclusive na resistência ao comunismo soviético.

Os valores sociais e familiares e a doutrina da Igreja

Sobretudo nos países da Europa Ocidental e em particular nos mais desenvolvidos, tem-se observado nas últimas décadas um aumento da descrença e um decréscimo da percentagem de filiação religiosa tradicional principalmente a favor da irreligião. Paralelamente, muitos estudos apontam um declínio da influência doutrinária das religiões tradicionais em matéria de valores sociais e familiares.

Mesmo em países como a Irlanda e Portugal, com uma clara e persistente hegemonia da confissão católica e com taxas de irreligião bastante abaixo da média europeia, se pode verificar um distanciamento progressivo das opiniões da maioria em relação às posições tradicionais da Igreja sobre temas como o casamento, divórcio, filhos, papel da mulher no lar e sexualidade. Em Portugal, segundo os dados do Eurobarómetro, a pertença declarada à religião católica oscilou muito pouco ao longo do último quarto de século, sem denotar qualquer crescimento ou declínio relevantes: 86% em 1986, 92% em meados dos anos 90 e 84% em 2010. A não pertença a nenhuma religião oscilou entre valores de 10-13% na segunda metade da década de 80 e entre 6-10% nas duas décadas seguintes. No conjunto, estes números apontam para uma progressão, aliás pouco expressiva, da adesão a religiões minoritárias. Dados recentes da Uni-

versidade Católica Portuguesa registam porém um nível mais baixo da pertença à religião católica (79% em 2011) e mais alto da irreligião (14%).

Os gráficos seguintes, baseados em inquéritos do Estudo Europeu dos Valores realizados em 1990, 2000 e 2009, mostram a evolução das opiniões dos inquiridos portugueses sobre seis temas através dos quais se pode testar a influência da Igreja Católica em matéria de família e sexualidade. Pode observar-se um progressivo distanciamento em relação às posições tradicionais da Igreja, mais ou menos claramente expresso nos seis temas.

Gráficos A influência da Igreja Católica em matéria de família e sexualidade

Portugal

Indicador A

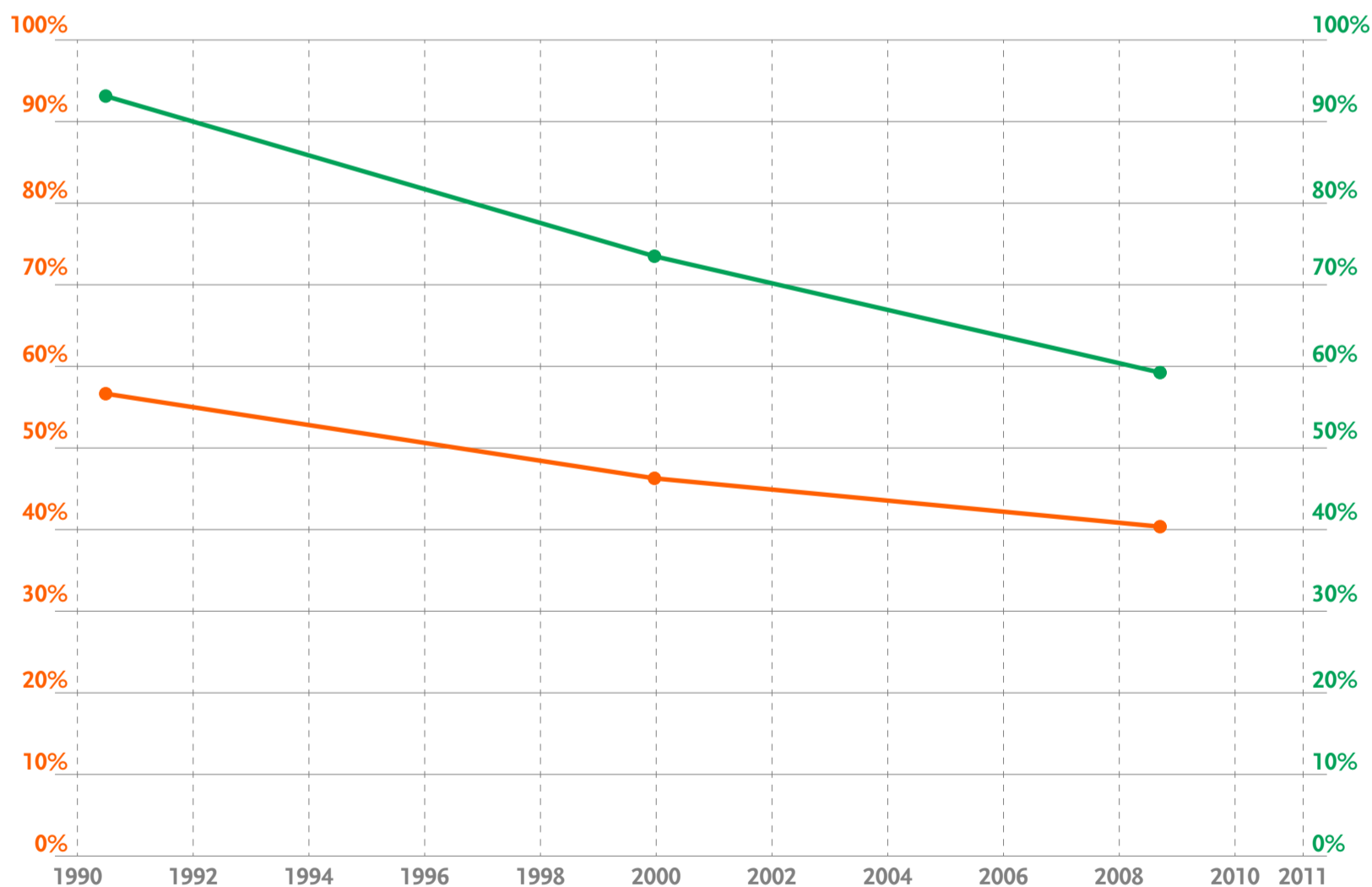
Igreja dá resposta a problemas familiares?

% que acha que a Igreja fornece respostas convincentes aos problemas da vida familiar

Indicador B

Lar com pai e mãe e felicidade dos filhos

% que acham que uma criança só pode ser feliz se crescer num lar com um pai e uma mãe





Portugal

Indicador A

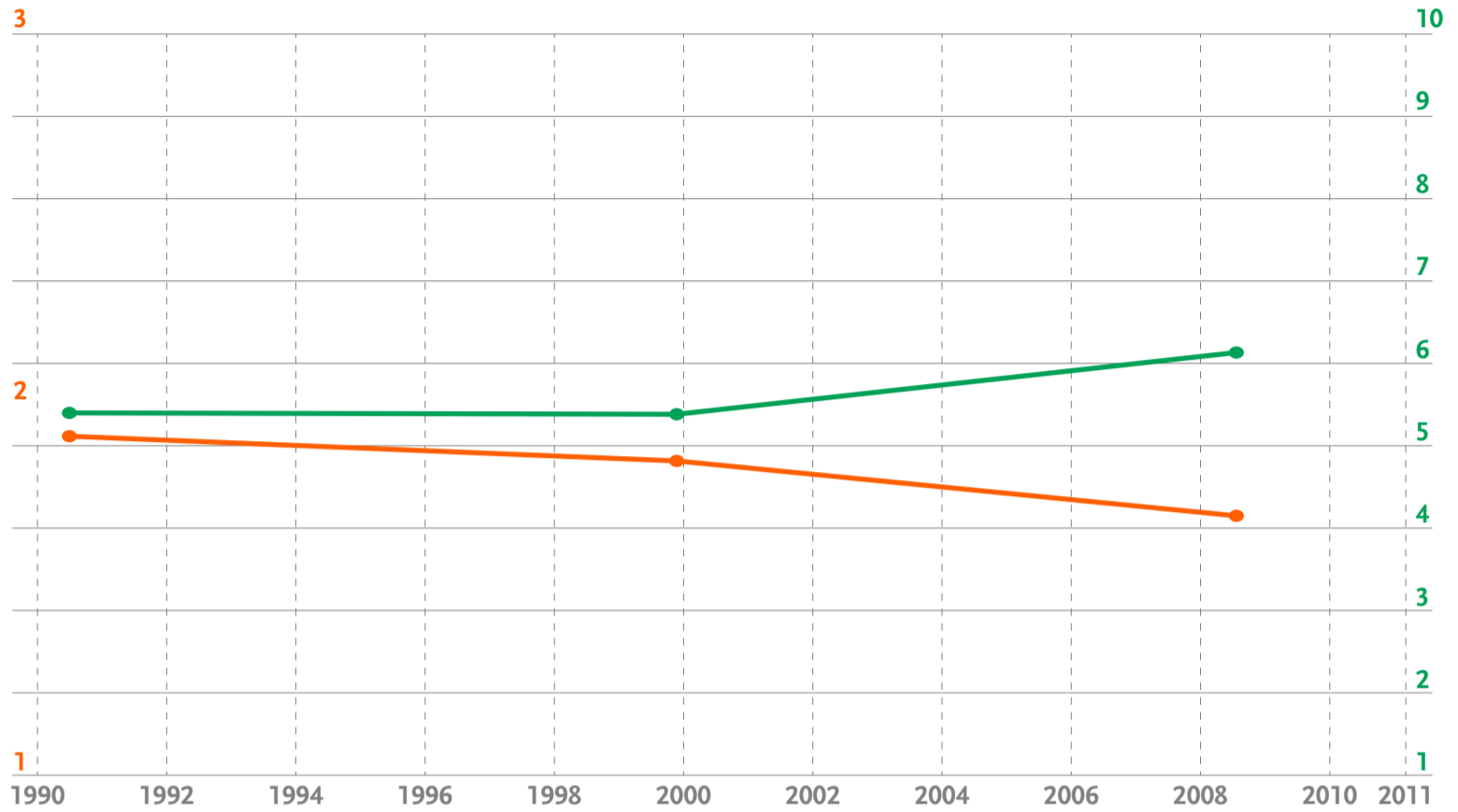
Mesmas crenças religiosas importantes para casamento feliz?

Valor médio, numa escala de 1 (pouco importante) a 3 (muito importante)

Indicador B

O divórcio é justificável?

Valor médio, numa escala de 1 (nunca justificável) a 10 (sempre justificável)



Portugal

Indicador A

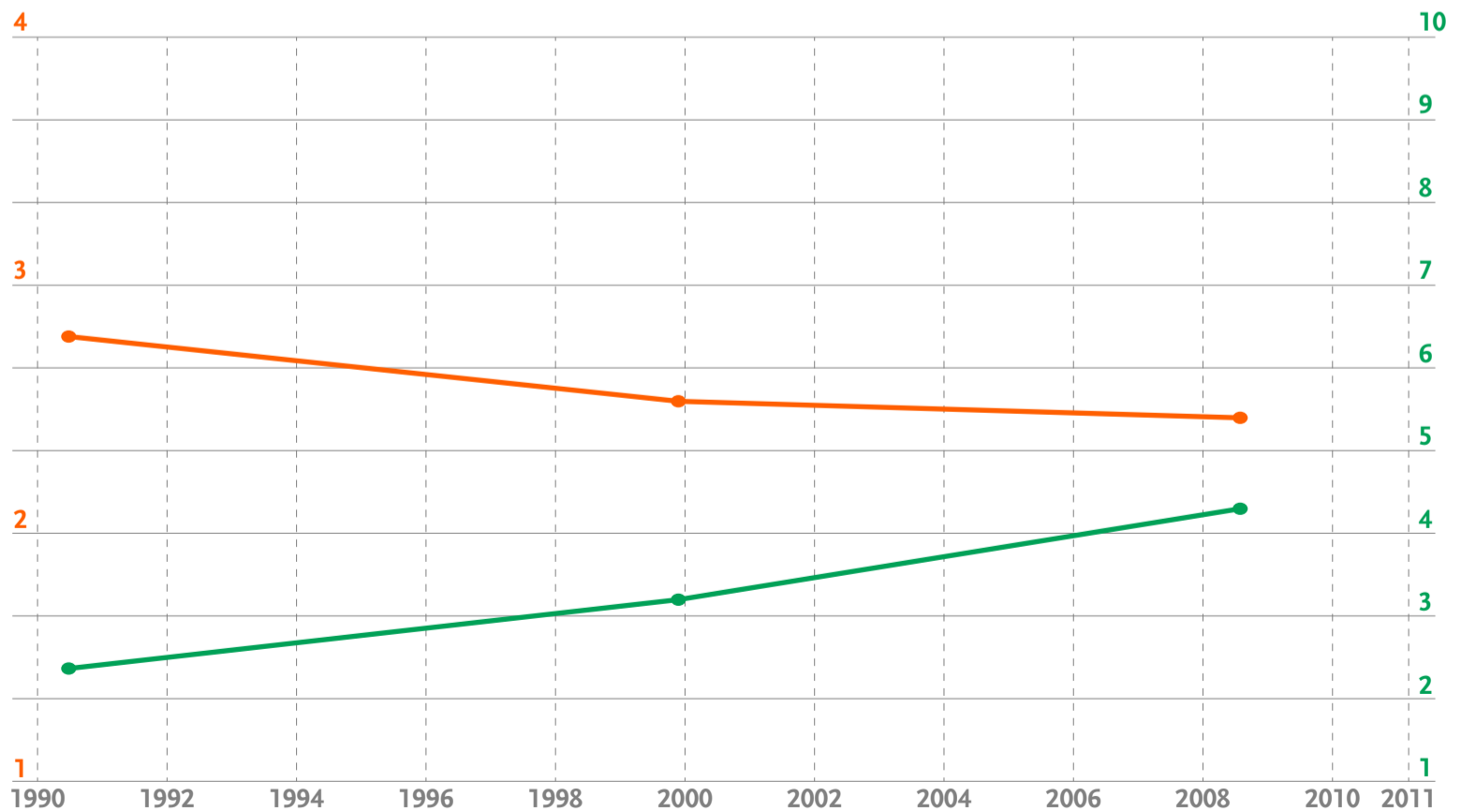
O desejo das mulheres é ter um lar e filhos?

Valor médio, numa escala de 1 (discordo totalmente) a 4 (concordo totalmente)

Indicador B

A homossexualidade é justificável?

Valor médio, numa escala de 1 (nunca justificável) a 10 (sempre justificável)



Fonte POP, Inquérito Social Europeu